

O OURO ANTES DO OURO: O PARANISMO E AS MINAS DE OURO DE PARANAGUÁ

JEFFERSON DE LIMA PICANÇO, Maria José Maluf Mesquita

O atual estado do Paraná, emancipado de São Paulo em 1853, é originalmente uma região de passagem entre o sul do Brasil e as cidades paulistas, tendo se constituído principalmente com a estrada do gado a partir do século XVIII. No final do século XIX o estado inicia um amplo processo de industrialização centrado na produção e exportação da erva mate para os países platinos. O desenvolvimento do Paraná, nos primeiros anos do século XX, é acompanhado por intensa produção artística e cultural de uma importante geração de intelectuais com forte ligação com o movimento simbolista, como Rocha Pombo, Nestor Vítor, Alfredo Romário Martins, Emiliano Pernetá, Emilio de Menezes, Ermelino de Leão, Francisco Negrão, Moises Marcondes, entre outros. Estes intelectuais tinham uma preocupação constante com a construção de uma identidade para o estado, vinculado às ideias positivistas de modernidade e progresso. Também muitos deles atuaram na negociação dos limites com Santa Catarina, concluída em 1916, quando o Paraná perdeu os territórios ao sul do rio Iguaçu. O Paranismo, idealizado por Romário Martins, é um importante movimento deste período. Trata da afirmação e idealização de uma cultura legitimamente paranaense. Ao mesmo tempo, buscavam-se alternativas de desenvolvimento capitalista da agricultura, da indústria e da mineração. Para isso, foram fundadas as primeiras faculdades e instituições, como o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (1902) e a Faculdade de Agronomia (1918). Instituições ainda do tempo do Império foram ampliadas e modernizadas, como o Museu Paranaense, dirigido por Romário Martins. O Paranismo, que num primeiro momento resultou dinâmico e inovador, de fato contribuiu para a manutenção de um *status quo* agrário e conservador. Serviu de base ideológica às elites estaduais durante boa parte do século XX. Do ponto de vista simbólico, um tema acabou sendo muito importante: as minas de ouro de Paranaguá. Alguns autores, como Ermelino de Leão e David Carneiro, afirmavam que as minas de Paranaguá seriam as mais antigas do Brasil, sendo lavradas já em 1578, antes mesmo das jazidas do Morro do Jaraguá em São Paulo. Tal afirmação decorre de uma leitura de memorialistas do século XIX, como a Memória Histórica do Rio de Janeiro, de Monsenhor Pizarro, e principalmente a Memória Histórica de Paranaguá, de Vieira dos Santos (1853). Mesmo tendo sido contestado por seus contemporâneos paranaenses, como Francisco Negrão e Romário Martins (“Monsenhor Pizarro *sonhou* o ouro de Paranaguá!”) e pela historiografia brasileira contemporânea, a tese da “prioridade paranaense” na mineração colonial elaborada por Ermelino de Leão e David Carneiro tem um forte apelo simbólico. Esta tese é frequentemente ensinada nas escolas, nos meios de comunicação e citada por diversos autores paranaenses contemporâneos sem qualquer crítica das fontes utilizadas. Trata-se de um exemplo interessante de como a utilização dos métodos históricos com forte

viés ideológico contribui para o estabelecimento de anacronismos e falsas hipóteses.